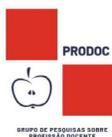


**PESQUISAR E CONTAR:**  
HORIZONTES DA NARRATIVA



**UNIVERSIDADE**  
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Programa de Pós-Graduação  
*Stricto Sensu* Mestrado em Educação

Inês Assunção de Castro Teixeira  
Karla Cunha Pádua  
Glaucimary Nascimento Teodósio (orgs.)

# **PESQUISAR E CONTAR:** HORIZONTES DA NARRATIVA

1ª Edição

São Carlos / SP

**Editora De Castro**

2022

**Conselho Editorial:**

**Profª Drª Adriana Garcia Gonçalves**  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar  
**Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho**  
Universidade Estadual Paulista – Unesp  
**Prof. Dr. Antenor Antonio Gonçalves Filho**  
Universidade Estadual Paulista – Unesp  
**Profª Drª Bruna Pinotti Garcia Oliveira**  
Universidade Federal de Goiás – UFG  
**Profª Drª Célia Regina Delácio Fernandes**  
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD  
**Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden**  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar  
**Prof. Dr. Fernando de Brito Alves**  
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP  
**Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira**  
Universidade Federal do Pará – UFPA  
**Profª Drª Heloisa Helena Siqueira Correia**  
Universidade Federal de Rondônia – UNIR  
**Prof. Dr. Hugo Leonardo Pereira Rufino**  
Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus  
Uberaba, Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico  
**Profª Drª Jáima Pinheiro de Oliveira**  
Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação – UFMG / FAE

**Profª Drª Jucelia Linhares Granemann**  
Universidade Federal de Mato Grosso do  
Sul – Campus de Três Lagoas – UFMS  
**Profª Drª Juliane Aparecida P. P. Campos**  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar  
**Profª Drª Layanna Giordana Bernardo Lima**  
Universidade Federal do Tocantins - UFT  
**Prof. Dr. Lucas Farinelli Pantaleão**  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU  
**Prof. Dr. Luis Carlos Paschoarelli**  
Universidade Estadual Paulista – Unesp / Faac  
**Profª Drª Luzia Sigoli Fernandes Costa**  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar  
**Profª Drª Marcia Machado de Lima**  
Universidade Federal de Rondônia – UNIR  
**Prof. Dr. Marcio Augusto Tamashiro**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Tocantins – IFTO  
**Prof. Dr. Marcus Vinicius Xavier de Oliveira**  
Universidade Federal de Rondônia – UNIR  
**Prof. Dr. Mauro Machado Vieira**  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU  
**Prof. Dr. Osvaldo Copertino Duarte**  
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

**Editor da Editora De Castro:** Carlos Henrique C. Gonçalves

**Projeto gráfico e capa:** Carlos Henrique C. Gonçalves

**Imagem para capa:** artesanato peruano cedido pela família de Inês Teixeira

**Revisão de textos/normalizações (ABNT):** Francisco Antonio Soria Martins / franciscosoriamartins@outlook.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Lumos Assessoria Editorial  
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

P474 Pesquisar e contar : horizontes da narrativa [recurso eletrônico] / organizadoras Inês Assunção de Castro Teixeira, Karla Cunha Pádua e Glaucimary Nascimento Teodósio. — 1. ed. — São Carlos : De Castro, 2022. Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-65-5854-905-5

1. Educação – Brasil. 2. Professores – Formação.  
3. Prática de ensino. 4. Educação – Métodos biográficos.  
I. Teixeira, Inês Assunção de Castro. II. Pádua, Karla  
Cunha. III. Teodósio, Glaucimary Nascimento. IV. Título.

CDD23: 370.71

Todos os direitos desta edição foram reservados aos autores. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610). Os(as) autores(as) declaram ser os(as) únicos(as) responsáveis por eventuais reclamações formuladas por terceiros (sejam eles pessoas físicas ou jurídicas, de direito público ou privado) em relação ao conteúdo ou

à titularidade desta obra, respondendo por eventuais danos e/ou prejuízos que a sua publicação possa acarretar à Editora.

**Editora De Castro**  
contato@editoradecastro.com.br  
editoradecastro.com.br



DE CASTRO

## UM VIVA A **INÊS!**

Devemos nosso agradecimento especial à querida professora Inês Teixeira, que nos deixou antes que este livro tivesse sido publicado.

Como uma das organizadoras, ela participou de toda a concepção do livro, desde os convites aos participantes, o seu belo texto de Introdução até os seus contatos para a realização da entrevista com o professor Daniel Suarez, que tanto enriqueceu nossa obra.

Além disso, com sua sensibilidade pessoal e acadêmica, a professora Inês foi sempre nossa inspiração no trabalho com narrativas.

Esperamos que o livro seja mais uma importante contribuição para deixar sua marca na formação de novas gerações de pesquisadores e buscadores de histórias narradas. E que ela continue sempre INÊSquecível a iluminar nossas trilhas e caminhos com as narrativas.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>CAPÍTULO 1</b>	
CONDIÇÃO DOCENTE DOS PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL SOB O OLHAR DO IMAGINÁRIO SOCIAL Adrielle Machado Rodrigues (UFSM) Valeska Fortes de Oliveira (UFSM) .....	23
<b>CAPÍTULO 2</b>	
DESPERTAR HISTÓRIAS ADORMECIDAS: NARRATIVAS DE GEO-GRAFIAS DOCENTES Álida Angélica Alves Leal (FaE - UFMG) Inês Assunção de Castro Teixeira (FaE - UFMG) .....	39
<b>CAPÍTULO 3</b>	
PARA ALÉM DA REMUNERAÇÃO: PROFESSORAS NOS CONTAM COMO SE SENTEM VALORIZADAS Valdete Aparecida Fernandes Moutinho Gomes (UFOP) Célia Maria Fernandes Nunes (UFOP) .....	59
<b>CAPÍTULO 4</b>	
IMAGENS DOCENTES: NARRATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO ÉTICO-ESTÉTICA DE PROFESSORES DE CRIANÇAS E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS Glaucimary Nascimento Teodósio José de Sousa Miguel Lopes .....	83
<b>CAPÍTULO 5</b>	
RODA DE NARRATIVAS: ENTRE A PEDAGOGIA DA RODA E A DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA Fábio Júnio Mesquita (UEMG) Karla Cunha Pádua (UEMG) .....	113
<b>CAPÍTULO 6</b>	
“UMA PERSPECTIVA A PARTIR DAS MARCAS QUE EU CARREGO NA VIDA”: NARRATIVAS DE DOCENTES SOBRE OS PROCESSOS FORMATIVOS DOS SABERES QUE ENVOLVEM A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS Paulo Henrique Maia Melgaço (UEMG) José Eustáquio de Brito (UEMG) Santuzza Amorim da Silva (UEMG) .....	131
<b>CAPÍTULO 7</b>	
A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UMA PEDAGOGA: A REFLEXÃO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE PROFISSIONALIDADE DOCENTE Marilene do Carmo Silva (UFOP) Regina Magna Bonifácio de Araújo (UFOP) .....	163

## CAPÍTULO 8

### NARRATIVAS-OTRAS Y EXPERIENCIAS SEXUADAS: PROFESORAS SINDICALISTAS ARGENTINAS

Zulma Viviana Lenarduzzi (Facultad de Ciencias de la Educación - Universidad Nacional  
de Entre Ríos - Argentina) ..... 181

## CAPÍTULO 9

### NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS JUVENIS NO MOVIMENTO CULTURAL *SLAM INTERESCOLAR*

Priscila Lima e Silva (UEMG)

Cirlene Cristina de Sousa (UEMG) ..... 205

## CAPÍTULO 10

### TRAJETÓRIAS EM PERSPECTIVA: UMA REFLEXÃO SOBRE NOVOS PERFIS DISCENTES E ACADÊMICOS NO BRASIL A PARTIR DE DUAS HISTÓRIAS DE VIDA Elis de Aquino (Freie Universität Berlin)

Renata Melo (UFRJ) ..... 229

## CAPÍTULO 11

### NARRATIVA(S), IMAGINAÇÃO E CONHECIMENTO EM DUAS EXPERIÊNCIAS DE REALIZAÇÃO AUDIOVISUAL

Clarisse Maria Castro de Alvarenga (UFMG)

Ana Paula Soares da Silva Gomes (UFMG) ..... 251

## CAPÍTULO 12

### UM COTIDIANO INSTÁVEL QUE SE ALIMENTA DE ESPERANÇA: NARRATIVA DA DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL DE BENTO RODRIGUES

Marco Antonio Torres (UFOP) ..... 271

## CAPÍTULO 13

### SESSÃO DE ENTREVISTA

### INVESTIGAÇÃO NARRATIVA: APRENDENDO COM A EXPERIÊNCIA DE DANIEL SUAREZ

Inês A. Castro Teixeira

Karla Cunha Pádua

Glaucimary Nascimento ..... 285

SOBRE AS AUTORAS E AUTORES ..... 303

# INTRODUÇÃO

O livro **Pesquisar e contar: horizontes da narrativa** reúne capítulos que resultam de trabalhos acadêmicos no campo da Educação e áreas afins que têm como eixo norteador as narrativas em suas dimensões epistemológica e metodológica, em variados formatos de apresentação das mesmas em trabalhos de investigação e de formação dos sujeitos da Educação. Os textos oferecem contribuições relevantes do ponto de vista teórico-metodológico para pesquisadores interessados no entrecruzamento do campo biográfico-narrativo e da Educação e apontam potencialidades do uso de narrativas para a reflexão de temas contemporâneos, tais como: condição docente, valorização do trabalho docente, *geo-grafias* docentes na metrópole, formação estética do professor, experiências formativas, pedagogias alternativas, escrita poética de jovens, diálogos entre saberes populares e científicos, formação para as relações étnico-raciais, experiências de sindicalistas docentes, entre outras possibilidades. Destina-se a diversos públicos, principalmente, estudantes de graduação e pós-graduação em educação e de outras áreas, professores das redes públicas e privadas, que desejam conhecer e se aprofundar na pesquisa e na formação numa perspectiva biográfico-narrativa.

A ideia de organizar uma coletânea com essa temática nasceu de diálogos estabelecidos por uma rede de pesquisadores(as) que optaram pela utilização de narrativas como metodologia principal de investigação na área da Educação. Essa rede começou no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde muitas de nós nos formamos e aprendemos a desfrutar de resultados das nossas primeiras pesquisas com narrativas. Essa rede, aos poucos, foi se espalhando e encontrando solo fértil nos Programas de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e, assim, foi abrindo novas trilhas, primeiro na região sul, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR). Por meio de tais trilhas, pudemos incorporar a essa proposta novas contribuições internacionais, que resultam de nossos diálogos com o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (ULisboa), em Portugal; com a Universidad de Buenos Aires (UBA); com a Universidad Nacional de Entre Rios (UNER), na Argentina e com Freie Universität Berlin (FU), na Alemanha. A vitalidade dessa rede vem se expressando nos

frutos gerados pelas novas gerações de pesquisadores que abraçaram as narrativas como parte de suas pesquisas, mostrando a grande fecundidade e pertinência da investigação biográfico-narrativa. Esse livro apresenta contribuições teórico-metodológicas para aqueles que desejam investigar nesse campo, mostrando a riqueza de possibilidades e de variações que a pesquisa com narrativas oferece, conforme os contextos e os sujeitos que os/as pesquisadores/as vão encontrando pelo caminho.

O livro compõe-se de 13 capítulos resultantes de pesquisas acadêmicas, realizadas em nove diferentes instituições de ensino superior, sendo quatro delas internacionais (Universidade de Lisboa, Universidad de Buenos Aires (UBA), Freie Universität Berlin (FU) e Facultad de Ciencias de la Educación - Universidad Nacional de Entre Ríos (UNER) e outras cinco brasileiras: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e o Instituto Federal Farroupilha (IFFAR). Todos os capítulos contam com pelo menos um dos autores/as vinculados/as a Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, localizados em três países estrangeiros (Portugal, Argentina e Alemanha) e nas regiões Sul e Sudeste.

Antes de apresentar um breve resumo dos capítulos que compõem esta Coletânea, cada uma das organizadoras fará uma breve narrativa da sua história de amor pelas narrativas.

### Como uma história de amor, nem tanto à primeira vista...

Minha história com as narrativas não é nova, mas também não é tão longa. Data dos idos da escrita da tese de doutorado, na qual, sem mesmo haver teorizado a respeito, depois do trabalho escrito e defendido, me dei conta de que andava pelos caminhos da HISTÓRIA ORAL. As discussões e os estudos com os colegas do Programa de História Oral do Centro de Estudos Mineiros, da FAFICH/UFMG, me fizeram ver isso. Ali iniciava uma história de amor, o amor intelectual, na expressão de Bourdieu sobre as entrevistas, mas como não separamos a razão e as paixões, essa história vai muito além do intelectual, porque envolve afetos. É uma história afetiva, tanto quanto o são muitas de nossas memórias, discussão tão presente na História Oral.

Me encantou na História Oral poder tentar alcançar a subjetividade humana, com cuidado, zelo, rigor e delicadeza, tal como fui aprendendo com meus colegas do Programa de História Oral. Foi uma experiência ímpar poder me aproximar da História Oral, sabendo que ela é ao mesmo tempo método, fonte e movimento.

Aqui não poderia deixar de mencionar e saudar o professor Michel Le Ven, com quem não apenas aprendi a pensar teoricamente, mas sobretudo, um professor com quem pude constatar que eu precisava aprender a fazer o que ele faz: uma escuta sensível e uma teorização densa, cuidadosa, significativa, sem nunca fugir à consciência histórica frente ao mundo em que vivemos e ao mundo que desejamos inventar, outro mundo, possível e necessário, conforme as expressões do Fórum Social Mundial. Salve Michel Le Ven!

Nos domínios da História Oral, nos grupos de pesquisa tanto quanto na Associação Brasileira de História Oral<sup>1</sup>, diferentemente de outros grupos, algo era diferente. Seja porque falávamos de subjetividades, de identidades, de psicossociologia e de sociologia clínica, no caso de Michel Le Ven e outros, tanto quanto de estruturas sociais e de processos históricos, de culturas, dos “de baixo” e de uma história do tempo presente, na expressão de Paul Thompson, tanto quanto conversávamos com colegas cuja formação e atuação percorria vários campos disciplinares.

Michel Le Ven sempre pontuava: não sendo historiadores, trabalhamos com a oralidade, e assim deveríamos denominar a História Oral. Tudo isso me fascinava, tudo isso me cativou, lembrando aquela linda palavra do príncipezinho.

Adiante, outros trabalhos, grupos e encontros: a pesquisa sobre memórias de gerações de professores e estudantes negros do Ações Afirmativas da UFMG, que coordenei junto com Karla Pádua e Wanda Praxedes<sup>2</sup>; outras pesquisas com professores desta feita, já começando a trabalhar com as entrevistas narrativas; a escritura de artigos e trabalhos teóricos nestes domínios; e, finalmente, as narrativas trazidas em uma Disciplina curricular.

Na escrita e publicações, mais recentemente, ensaiava também outras possibilidades, em artigos feitos sob a forma de um conjunto de cartas e, também, algo de que não passamos impune, a redação do memorial para seleção de professor titular.

À medida em que expandia e consolidava meu feliz encontro com a História Oral, outros horizontes se abriam em minha aproximação com o cinema, qual seja, a procura pelo cinema como possibilidade de formação estética dos professores. A busca pela aproximação fecunda e necessária da educação com as artes, do cinema com a docência. Sempre me valera do pressuposto de que sem a formação ética e sem a formação estética não

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.historiaoral.org.br/>

<sup>2</sup> Essa pesquisa resultou na publicação de dois livros:

- TEIXEIRA, I. A. C.; PRAXEDES, Vanda Lúcia; PÁDUA, K. C. (orgs.). *Memórias e percursos de estudantes negros e negras na UFMG*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- TEIXEIRA, I. A. C.; PRAXEDES, V. L. (orgs.). *Memórias e percursos de professores/as negros/as na UFMG*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

haveria formação de professores para o ofício da humana docência, como aprendera com Freire e com Arroyo. E o cinema, seria também uma narrativa? Há narrativas de sujeitos no cinema? O que dizer, por exemplo, de belíssimos documentários brasileiros com as obras de Eduardo Coutinho, de João Moreira Sales, que nos deram memoráveis documentários baseados em depoimentos, obras biográficas, memórias de nossa história social. As possibilidades se encontravam: o cinema brasileiro, e outros tantos, fazem História Oral. A História Oral deve estar presente não somente na pesquisa, mas na formação de professores, assim como está presente, lindamente, em parte.

Nessa direção, foi também marcante a experiência da equipe que coordenei quando pela primeira vez fizemos, juntos, inclusive com a presença de um professor cineasta – Cristiano Rodrigues, da UFJF, a história de vida da professora Maria Teresa Freitas com entrevistas filmadas, que geraram artigos e um documentário: Além das montanhas, frases com as quais ela nos presenteou ao dizer as razões pelas quais saiu de São João Del Rei para morar em Juiz de Fora.

Nessa altura, nos idos de 2015 e 2016, vivia também não propriamente um encontro, como havia sido com a História Oral, mas uma aproximação, digamos, com as chamadas Pesquisas (Auto)biográficas. Participei e sigo participando dos CIPAs, de seu comitê científico e suas publicações. Por certo que essa possibilidade aprimorou meus conhecimentos, estudos, sensibilidade e fazeres nos domínios dos trabalhos com narrativas. O que se passou? Essa aproximação renovou, ao mesmo tempo que ampliou e não somente meus trabalhos com narrativas como estava conhecendo nos CIPAs<sup>3</sup>, mas trouxe novas perspectivas e possibilidades para a minha formação e minha feliz e afetuosa, rica e venturosa, com a História Oral, cuja perspectiva nunca abandonarei. Muito pelo contrário.

Mais recentemente, novas experiências foram vividas. A aproximação com o cinema abriu novos horizontes e a continuidade da docência, agora atenta às narrativas e à escuta sensível, me reinventaram tanto quanto meus trabalhos. A escrita de cartas para desenvolver temáticas acadêmicas, a escrita do memorial para a seleção de professora titular e duas produções fílmicas expandiram minhas pequenas obras e reflexões.

Nessas cenas e cenários foi muito significativo para mim e para toda a nossa equipe, a criação do documentário sobre os 45 dias de ocupação da FaE/UFMG, que intitulamos “Flor do sol: ocupa FaE/UFMG”, sob a direção de Alexandre Pimenta e produção do Mutum e da Pimenta Filmes, no qual, através de depoimentos e imagens, tentamos registrar, minimamente

---

3 Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, organizado pela Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica. Disponível em: <https://biograph.org.br/>

o cotidiano e o que esse movimento de ocupação representou na história da FAE e da UFMG, em especial.

Também não foi algo menor, trazer para a docência, para a sala de aula, a proposta de que os estudantes escrevessem narrativas sobre os seus estágios, sobre as nossas aulas, registrando o que aprenderam e desaprenderam com elas, tentando fazer com que as disciplinas que ministramos fosse algo mais do que uma exigência burocrática curricular. Esses trabalhos resultaram no livro “Aulas contadas: narrativa da experiência de estudantes”.<sup>4</sup>

Foram muitos, foram desafiantes, são mobilizadores do pensamento e da sensibilidade, ao mesmo tempo que foi e segue sendo uma enorme alegria esses encontros com a História Oral e com a Pesquisa (auto)biográfica, na pesquisa e na docência. Quantos aprenderes, quantos horizontes, quantas possibilidades, quantas responsabilidades, quantas questões!!!!

Passo, então, às responsabilidades sociais e às questões teórico metodológicas que emergem, que retornam, que me inquietam nesses trabalhos: desafios da prática sociológica com narrativas, desafios teórico epistemológicos que devemos discutir e considerar, permanentemente. A organização deste livro é uma forma de apresentar aos nossos leitores algumas dessas inquietações.

Inês Teixeira

### Do interesse pela narrativa na pesquisa ao desejo de contar minhas próprias histórias

Minha história de amor pelas narrativas começou em parceria com a professora Inês Teixeira, que foi orientadora de minha pesquisa de doutorado, na qual pretendia pesquisar as repercussões do multiculturalismo na Educação. Ainda na fase de reelaboração do projeto, no qual eu mencionava a intenção de ouvir narrativas docentes, o professor Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, que nos orientava informalmente sobre o tema, indicou o capítulo **As Narrativas como dados**, de Uwe Flick<sup>5</sup>. Lembro-me bem dele nos dizendo que, se quiséssemos trabalhar com narrativas seria preciso aprofundar o conhecimento acerca dessa ferramenta metodológica.

Nessa época, trabalhava como voluntária em uma pesquisa do projeto Ações Afirmativas, coordenado pela Inês, sobre professores e estu-

4 Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1HDKZvgAwzNPwNfcZoQicrgj8h\\_scTE-9/view](https://drive.google.com/file/d/1HDKZvgAwzNPwNfcZoQicrgj8h_scTE-9/view)

5 FLICK, Uwe. As narrativas como dados. In: **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

dantes negros(as) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)<sup>6</sup>. Nesta pesquisa, tivemos a oportunidade de estudar e praticar a realização de entrevistas narrativas, segundo a concepção de Flick, atendendo à indicação do professor Luiz Alberto. Em um trabalho realizado em equipe, com vários bolsistas, fizemos oficinas de elaboração conjunta da questão gerativa que funcionou como um importante processo de formação de pesquisadores(as).

Após a realização de um estágio de Doutorado Sanduíche no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, na área de Antropologia, o meu projeto de doutorado foi ganhando outros contornos. Decidi entrevistar professores e professoras indígenas que cursaram o FIEI - Formação Intercultural de Educadores Indígenas, um curso especial (e que depois veio a se tornar regular) de graduação que acontecia na Faculdade de Educação da UFMG. Costumo contar que este curso, que acontecia no mesmo espaço em que cursava meu doutorado, coloriu a Universidade com mais de 100 indígenas de várias etnias de Minas Gerais. Constituíam um exemplo vivo do multiculturalismo na educação.

Usei a entrevista narrativa, conforme Flick (2004), para entrevistas mais de 10 professores indígenas de várias etnias, estudantes do curso e também professoras da UFMG que coordenavam o curso e algumas monitoras. Desde então nunca mais trabalhei com outros tipos de entrevistas.

Hoje, mais de dez anos após a conclusão do doutorado, continuo praticando a entrevista narrativa, em novas pesquisas com meus orientandos, cada vez buscando aperfeiçoar especialmente o modo de trazê-las para os nossos textos acadêmicos. Para isso, os estudos realizados em disciplinas ministradas sobre as narrativas na pesquisa, primeiro no PPGE-UFOP, e depois no PPGE-UFG, vieram trazer importantes subsídios para o aprofundamento dessa metodologia.

Em um momento de grande crise profissional devido à declaração de inconstitucionalidade da Lei 100, que ameaçou interromper quase 20 anos de carreira docente na UFG, fui levada pelos “encantados” para o ICHS, da Universidade Federal de Ouro Preto. Que alegria significou para mim, receber a orientação de minha supervisora de Pós-doutorado em Educação, a querida professora Regina Magna Bonifácio Araújo, para ministrar para os alunos do mestrado a disciplina chamada **Narrativas docentes: aspectos metodológicos e formativos**. Ao longo de dois semestres pude ministrar essa disciplina optativa, o que favoreceu o meu reencontro com as narrativas. Foram momentos de muito estudo e entusiasmo com a formação de novas gerações que também se encantaram com as narrativas.

---

<sup>6</sup> As referências dos dois livros que resultaram dessa pesquisa estão na nota n. 2 dessa **Introdução**.

No PPGE-UEMG ministrei uma adaptação dessa proposta, intitulada **Seminários de temas contemporâneos: narrativas docentes**, e em 2018, em parceria com a professora Inês Teixeira, ministramos uma disciplina interinstitucional entre o PPGE-UEMG e o PPGE-UFMG, intitulada **Narrativas na Pesquisa em Educação**. Esta experiência coroou todo o trabalho iniciado lá no PPGE-UFOP, resultando na publicação de um *e-book* intitulado “Aulas contadas: narrativas da experiência de estudantes”, contendo narrativas da experiência dos(as) alunos(as)<sup>7</sup>. Foi nessa disciplina interinstitucional que tivemos o prazer de conhecer Daniel Suarez, que nos brinda neste livro com uma bela entrevista. A vinda dele para uma palestra na **Quarta na Pós**, da FAE-UFMG, fez parte da programação da disciplina, assim como o encontro dele com os pesquisadores do Prodoc - grupo de pesquisas sobre Profissão Docente, do qual participamos.

Com essas disciplinas, pude aprofundar minhas leituras de autores como Walter Benjamin, Olgária Matos, Jorge Larrosa, Connelly y Clandinin, Antônio Bolívar, Marie-Christine Josso, Antônio Nóvoa, Paul Ricouer, Paul Tompson, Alessandro Portelli e descobrir outras referências como Marco Antonio Gonçalves e Luciana Hartmann, nos estudos sobre a etnobiografia. Tudo isso renovou o meu interesse pelas narrativas, trazendo um alento para aqueles tempos difíceis vividos por mim.

Hoje, nesses tempos de pandemia e após viver novos desafios de vida, não profissionais, porém relacionados ao enfrentamento de um câncer de mama, me deparo com um desejo intenso de escrever minhas próprias narrativas. Entretanto, ainda não para este livro, que resulta de processos formativos permeados pelas narrativas, no qual trazemos toda uma rede de relações e de pesquisas que resultaram desses processos. Eu que há muitos anos venho ouvindo, registrando e analisando narrativas de outras pessoas, especialmente de moradores(as) da periferia e professores(as) indígenas, preciso aprender agora a contar minhas próprias histórias.

Karla Pádua

### Ouvir e contar histórias

Quando começa uma relação que temos com algo? Fui investigar minha relação com a narrativa e lembrei de Mainha, que nos colocava para dormir à tarde, quando éramos bem pequenos e nos contava histórias. Mainha foi minha primeira professora, me ensinou a ler quando eu tinha

7 Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1HDKZvgAwzNPwNfcZoQicrgj8h\\_sctE-9/view](https://drive.google.com/file/d/1HDKZvgAwzNPwNfcZoQicrgj8h_sctE-9/view).

cinco anos de idade. Meu pai me proibia de brincar na rua, então minha principal diversão era ler.

Desde pequena, tomei contato com diferentes narrativas literárias, sendo a aventura a minha preferida. Mainha nos levava, a mim e meus quatro irmãos, à biblioteca municipal, todas as terças-feiras à tarde, em Pirapora, no interior de Minas Gerais. A biblioteca funcionava numa estação antiga de trem. Era um espaço simples que ofertava pequenas peças de teatro, alguns vídeos e uma coleção modesta de livros. Íamos com Mainha, ficávamos lá por algum tempo, líamos livros menores e levávamos outros para devolver na semana seguinte. Os livros foram me acompanhando pela vida, juntamente com as leituras acadêmicas.

No curso de Pedagogia, no trabalho de conclusão de curso, ouvi adolescentes trabalhadores contando de suas vidas e de como o trabalho acrescentava outra dimensão tão diversa da vivida em suas comunidades. Anos depois, quando escrevi o projeto para o processo seletivo para o mestrado na Universidade do Estado de Minas Gerais, escolhi a investigação biográfica como metodologia. Estava interessada em conhecer as experiências estéticas de professores das escolas municipais de Belo Horizonte e como essas experiências repercutiam em suas identidades e na prática educativa. Entrei para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade e ali tive a imensa alegria de conhecer a professora Karla, que abriu para mim o universo das narrativas. Eu me apaixonei intensamente pelo tema e suas diversas possibilidades. Foi muito significativo para mim. Lá também conheci a professora Inês Teixeira e algumas referências que passaram a fazer parte da minha trajetória.

No mesmo ano de defesa do mestrado, publiquei uma coletânea de contos e poesias juntamente com outras mulheres, em Belo Horizonte. Tive a alegria de escrever a dissertação e fazer parte de uma publicação literária. O contato com as narrativas em suas diferentes dimensões contribuiu para ampliar a escuta de meus sujeitos na pesquisa e para a escuta de mim mesma, com a possibilidade de disseminar minhas próprias narrativas.

No mesmo ano me candidatei para o doutorado na Universidade de Lisboa, em Portugal, para dar continuidade à mesma metodologia, dessa vez na companhia da professora Carmen Cavaco. A partir dessa experiência, tive a oportunidade de conhecer outros autores e pesquisadores envolvidos com a investigação biográfico-narrativa. A partir da elaboração da oficina biográfica para ouvir a narrativa dos sujeitos de minha investigação de mestrado, me inspirei e passei a realizar diferentes oficinas, dessa vez virtualmente.

Cada vez mais percebo como a partilha de experiências por meio de narrativas orais e escritas possibilita a escuta de vozes muitas vezes invisibilizadas e faz conhecer nuances e especificidades que as pesquisas quantitativas não acolhem. Continuo narrando, ouvindo narrativas e escreven-

do. Assim, as narrativas permanecem em minha vida, como um dispositivo que aciona a escuta sensível do outro, de mim mesma e fomenta a escrita, tanto a acadêmica quanto a literária.

Glau Nascimento

A seguir, apresentamos os capítulos desta Coletânea.

O capítulo 1, **Condição docente dos professores da rede estadual do Rio Grande do Sul sob o olhar do imaginário social**, de Adriele Machado Rodrigues e Valeska Fortes de Oliveira, origina-se da pesquisa intitulada “Significações imaginárias sobre a condição docente no ensino médio: um estudo na rede estadual do município de Alegrete-RS”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O estudo teve como objetivo conhecer e problematizar as significações imaginárias de professores da rede estadual do município de Alegrete acerca da condição docente no Ensino Médio. A metodologia utilizada deu-se em dois momentos: a pesquisa bibliográfica sobre a temática; e a produção de narrativas autobiográficas de nove professores da rede estadual. Com o desenvolvimento da pesquisa, constatou-se que os professores se veem abalados no status da sua profissão em decorrência dos baixos salários e parcelamentos. A investigação apontou, também, que apesar dos professores vivenciarem esse mal-estar docente, eles buscam ressignificar esse espaço-tempo vividos.

O capítulo 2, **Despertar histórias adormecidas: narrativas de geo-grafias docentes**, de Álida Angélica Alves Leal e Inês Assunção de Castro Teixeira, da FaE – UFMG, parte do pressuposto de que vidas de *sujeitos socioculturais* professores/as devem ser apreendidas em outros espaços e tempos da vida social além das escolas, investigamos *geo-grafias* docentes na metrópole, construto teórico-conceitual que designa práticas espaciais de sujeitos-professores/as vividas na metrópole durante seus tempos cotidianos. A pesquisa exploratória buscou compreender sentimentos, sentidos e significados associados e atribuídos a estas práticas por meio de análise bibliográfica, aplicação de questionários e realização de 23 (vinte e três) entrevistas semiestruturadas com docentes do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental que lecionavam na Rede Pública Municipal de Contagem/MG (primeiro semestre/2010). Neste texto, apresentamos alguns aspectos/dimensões que singularizam estas *geo-grafias* docentes na metrópole, quais sejam: a relação destes sujeitos com a casa e a constituição de “pedaços” docentes.

O capítulo 3, **Para além da remuneração: professoras nos contam como se sentem valorizadas**, de autoria de Valdete Aparecida Fernandes Moutinho Gomes e Célia Maria Fernandes Nunes, do PPGE-UFOP, trazem o tema da valorização docente, recorrente nos estudos sobre os/as professores/as. As autoras realizaram uma investigação, na qual procuraram conhecer a percepção de valorização docente em narrativas de cinco professoras atuantes no Ensino Fundamental I em distintas escolas da zona urbana na rede municipal da cidade de Mariana, MG. Como recursos metodológicos, desenvolveram, após um levantamento bibliográfico, entrevistas narrativas, as quais foram acompanhadas da aplicação de questionário de perfil socioeconômico e cultural e diário de campo. A análises seguiram uma interpretação hermenêutica ou análise compreensiva-interpretativa procurando, dessa forma, apreender o sentido das narrativas no contexto em que se situam. Entre os aspectos objetivos (formação, remuneração, condições de trabalho e carreira) que compõem a valorização docente, constataram que a remuneração tem sido a mais enfatizada pelos discursos políticos e pela mídia. Entretanto, conforme as professoras demonstraram nas narrativas, o salário por si só, não assegura a percepção de valorização docente, dada à complexidade de fatores que interferem no trabalho dos/das professores/as. A importância que as professoras atribuem às interações humanas vivenciadas no exercício da profissão, expressas na relação com os/as alunos/as, suas famílias e os/as pares, evidencia a relevância da dimensão subjetiva no que se refere à valorização docente.

O capítulo 4, **Imagens docentes: narrativas sobre a formação ético-estética de professores de crianças e suas práticas educativas**, de Glaucimary Nascimento Teodósio (ULisboa) e José de Sousa Miguel Lopes (UEMG), enfoca as exigências para os professores das séries iniciais, formadores de crianças, que têm sido cada vez maiores no contexto em que vivemos. Esses profissionais lidam com uma variedade de demandas em sua realidade pessoal e profissional que os colocam diante da dificuldade de buscar uma formação permanente, principalmente voltada para a estética – enquanto ética. O outro é parte indissociável da constituição identitária. O confronto com o outro, com seu imaginário e suas interpretações interpela reflexões. Nessa conversação, o sujeito reflete e ressignifica seus processos identitários. Trazemos, nesse artigo, algumas imagens e narrativas docentes, despertadas por um dispositivo de formação. Entendemos que a experiência estética atua como provocadora dos sentidos, possibilitando rupturas nas convicções e certezas, operando no agir. Dessa maneira, possibilita novas interpretações da realidade, contribuindo para uma abertura ao mundo, o que permite imaginar novas maneiras de tratamento ético.

O capítulo 5, **Roda de narrativas: entre a Pedagogia da Roda e a Documentação Narrativa**, de Fábio Júnio Mesquita e Karla Cunha Pádua,

do PPGE-UEMG, se propõe a pensar a Pedagogia da roda, tão ancestral quanto os grupos se reunirem em círculos, a tradição oral de trocar experiências, costumes e ensinamentos em rodas de conversa. O texto procura relacionar as práticas da Pedagogia da Roda com as experiências da “Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas”, inicialmente, por pesquisa bibliográfica e documental, com análise de artigos, livros, sites institucionais do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) e da Biblioteca Nacional de Maestros e vídeos disponíveis no YouTube. Tais análises deram embasamento para a formulação da Roda de Narrativas, uma metodologia utilizada em nossa pesquisa com oito jovens que participam de projetos do CPCD, sendo quatro de cada sexo, com idades entre 16 e 27 anos de idades. Deste modo, buscou articular os princípios e fundamentos da Pedagogia da Roda com a práxis da escrita, um processo de reescrever-ler-indagar-comentar e reescrever, proposto nas experiências de documentação narrativa, utilizando espaços circulares de produção de conhecimentos, de formação, co-formação e de autoformação. Assim, do desenvolvimento à sua primeira aplicação, foi possível aproximar a práxis da escrita e a práxis pedagógica, o processo ação-reflexão-ação, bem como aproximar a espiral hermenêutica das rodas de diálogo com vistas em aprofundar a discussão e coletar informações.

O capítulo 6, **“Uma perspectiva a partir das marcas que eu carrego na vida”**: narrativas de docentes sobre os processos formativos dos saberes que envolvem a Educação das Relações Étnico-raciais, de Paulo Henrique Maia Melgaço, José Eustáquio de Brito e Santuza Amorim da Silva, do PPGE-UEMG, resulta de uma pesquisa de mestrado que possuiu como objetivo principal analisar as formações e os saberes docentes em torno da Educação das Relações Étnico-raciais e seus reflexos nas práticas pedagógicas em uma rede de ensino municipal da cidade de Juatuba-MG. Dentre várias considerações, ressaltou-se a importância dos(as) professores(as), protagonistas no que se refere ao processo de efetivação da lei 10639/2003. O presente texto propõe reanalisar as entrevistas concedidas por esses docentes, direcionando nossos olhares para uma escuta sensível e analítica sobre suas histórias de vida e seus processos formativos, desenvolvendo um diálogo com referências teóricas. Seus relatos foram compartilhados por meio do recurso de entrevistas narrativas, objetivando compreender com maiores detalhes suas vivências e trajetórias, assim como assimilar os reflexos desses saberes em suas vidas, dentro e fora do contexto escolar. Dentre várias reflexões, foi possível constatar as potências investigativas pertencentes ao método de narrativas autobiográficas, verificável pela diversidade qualitativa das informações socializadas pelos sujeitos dessa pesquisa. As narrativas evidenciam trajetórias distintas e singulares, afirmando os desafios apresentados à pesquisa acadêmica que se configuram

em conceber cada percurso formativo em suas individualidades. É possível também afirmar que o processo de formação é contínuo e parte de decisões individuais, mediatizadas pelo contexto sociopolítico vivenciado.

O capítulo 7, **A trajetória formativa de uma pedagoga: a reflexão do processo de construção de profissionalidade docente**, de Marilene do Carmo Silva e Regina Magna Bonifácio de Araújo, é fruto da disciplina eletiva, **Narrativas docentes: aspectos metodológicos e formativos**, do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGE-UFOP). Pretendemos refletir sobre a narrativa como um instrumento nas pesquisas qualitativas e compreender os desafios presentes na formação docente. Neste trabalho apresentamos a narrativa de uma pedagoga que atua na rede municipal da cidade de Ouro Preto, graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela UFOP. Possui 27 anos de idade e se encontra no primeiro ano de atuação profissional. A abordagem utilizada nesta investigação foi qualitativa, utilizamos a narrativa escrita como instrumento e optamos pela análise de conteúdo como técnica de interpretação dos dados. A narrativa evidenciou a influência da trajetória formativa inicial, na prática profissional. Revelou, também, alguns desafios no início de carreira, o choque de realidade, frustração e solidão, além das precárias condições de trabalho.

O capítulo 8, **Narrativas-otras y experiencias sexuadas: profesoras sindicalistas argentinas**, de Zulma Viviana Lenarduzzi, da Facultad de Ciencias de la Educación, da Universidad Nacional de Entre Ríos – Argentina, trata de experiências de docentes sindicalistas, insuficientemente indagadas nos estudos sobre sindicalismo, que outorgam proeminência aos trabalhadores, suas formas organizativas e suas lutas reivindicativas. Debaixo da marca de um sujeito universal, as professoras sindicalistas têm permanecido nas sombras, sendo excepcionalmente nomeadas e visibilizadas. Alienações e subjugações colidem com disputas e conquistas que se forjam ao calor de lutas e resistências nem sempre visíveis para as figuras hegemônicas dos militantes sindicalistas. Daí a relevância de adentrar suas experiências, habilitando narrativas-otras que certa historiografia androcêntrica tem silenciado. A investigação utilizou perspectivas teóricas provenientes do Feminismo Acadêmico, da História das Mulheres e da Sociologia do Indivíduo, que concedem potência teórica às experiências de atrizes e atores, outorgam um lugar central à historização em termos de um vínculo biográfico-histórico, e reconhecem múltiplas desigualdades e dominações. Por conseguinte, adota um enfoque metodológico interpretativo, a partir do qual atribui relevância à perspectiva das participantes, dando prioridade a seus sentidos, significações, experiências e relatos. Entre os anos 2014 e 2015 foram realizadas entrevistas narrativas individuais gravadas com seis mulheres professoras argentinas, sindicalistas, de três

gerações distintas. A entrevista narrativa constituiu uma ferramenta central, entendida como um encontro sócio-antropológico e uma forma discursiva privilegiada para compreender as interpretações das sujeitas sobre si mesmas, numa possível invenção de si. De modo que neste texto se exibem algumas aproximações às experiências de duas professoras sindicalistas da geração jovem, contemplando o entrecruzamento das dimensões familiares, laborais e sindicais. A articulação entre o trabalho sindical, o trabalho docente e o trabalho de cuidados constituem uma das principais expressões de suas experiências sexuadas, em tempos generalizados que incidem na possibilidade de dispor de um tempo liberado para si. Este capítulo resulta da tese intitulada “Generaciones de profesoras sindicalistas argentinas: fragmentos de história (1984-2016)”, desenvolvida no Doutorado Latinoamericano em Educação: Políticas Públicas e Profissão Docente, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

O capítulo 9, **Narrativas e experiências juvenis no Movimento Cultural Slam Interescolar**, de Priscila Lima e Silva e Cirlene Cristina de Sousa, do PPGE-UEMG, é fruto de interlocuções com jovens poetas participantes do movimento cultural *slam interescolar* – um projeto educacional que envolveu a realização de oficinas de escrita criativa e competições de poesias faladas, entre estudantes da rede pública de ensino da cidade de Belo Horizonte, com o objetivo de incentivar a escrita e a partilha de textos poéticos, apresentando suas experiências com a linguagem. O estudo evidenciou campos de possibilidade entre a arte literária, os processos de letramento sociais e as culturas juvenis, sendo vinculado à Pesquisa de Mestrado desenvolvida na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) nos anos de 2017 e 2019. A análise revelou distintos percursos pela linguagem, forjados nos encontros e nas dinâmicas socializadoras, em diversos espaços e instituições, as quais foram trazendo inúmeras experiências e processos formativos de letramento aos/as jovens. Nesse cenário, notou-se que a perspectiva dos letramentos é recriada quando ligada a atividades culturais, ideológicas ou políticas, na medida em que os/as jovens narraram uma ampliação da relação com a linguagem por meio da arte, da escrita criativa e dos movimentos culturais.

O capítulo 10, **Trajetórias em perspectiva: uma reflexão sobre novos perfis discentes e acadêmicos no Brasil a partir de duas histórias de vida**, de Elis de Aquino (FU-Berlim/Alemanha) e Renata Melo (UFRJ), narra o encontro de duas pesquisadoras brasileiras, ambas oriundas do Rio de Janeiro, mulheres periféricas que buscam ampliar a formação com oportunidades de viver e estudar no estrangeiro. É um diálogo narrativo, que mostra alguns encontros biográficos entre as duas. Além disso, as pesquisadoras trazem reflexões e indagações decoloniais como maneira de refletir e agir no mundo.

O capítulo 11, **Narrativa(s), imaginação e conhecimento em duas experiências de realização audiovisual**, de Clarisse Maria Castro de Alvarenga e Ana Paula Soares da Silva Gomes, Promestre-UFMG, tem como proposta aproximar as experiências de realização de dois filmes dirigidos pelas autoras, ambas educadoras: **Homem-peixe**, de Clarisse Alvarenga (2017) e **Um desenho, várias emoções**, de Ana Paula Soares da Silva Gomes (2020). As autoras apontam aspectos em cada um dos processos de feitura dos filmes que nos dizem sobre a importância da escuta e da observação de narradores na construção e partilha entre diferentes saberes tradicionais e científicos. A partir dessa discussão, abordam o potencial que o cinema pode vir a ter no sentido da comunicação das experiências sensíveis nos espaços da educação, da arte e da cultura contribuindo para criar um conhecimento pela imaginação.

No capítulo 12, intitulado **Um cotidiano instável que se alimenta de esperança: narrativa da diretora da escola municipal de Bento Rodrigues**, Marco Antonio Torres, do PPGE-UFOP, tece algumas considerações sobre a entrevista narrativa pública realizada em março de 2017 com Eliene Geralda dos Santos, diretora da Escola Municipal Bento Rodrigues, localizada em Mariana, no distrito onde ocorreu o desastre ambiental. A entrevista foi promovida e mediada pelo autor juntamente com uma das organizadoras desta obra, Karla Pádua, com a participação de discentes da disciplina optativa **Narrativas docentes: aspectos metodológicos e formativos**, oferecida no Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP e aberta a outras pessoas interessadas. Em diálogo com a narradora, o autor traz acontecimentos daquele dia 5 de novembro de 2015 em que a lama da barragem devorou violentamente o cotidiano de tantas pessoas, o luto pelas perdas irreparáveis e futuro que ainda acenava de forma incerta, ao mesmo tempo bordados de alegrias vividas na escola.

Por fim, temos uma belíssima **Sessão de Entrevista**, na qual trazemos uma entrevista realizada pelas organizadoras deste livro com Daniel Suarez, da Universidade de Buenos Aires. Esta preciosa entrevista foi realizada em 08 de março de 2021 e é apresentada no capítulo 13, intitulado **Investigação narrativa: aprendendo com a experiência de Daniel Suarez**. Neste capítulo, após a apresentação do contexto da narrativa, as entrevistadoras passam a palavra ao entrevistado, que se expressa em sua língua materna, o espanhol. Na entrevista, o pesquisador argentino nos fala como se deu o seu encontro com as narrativas e que potência esse encontro revelou na sua condição de professor e pesquisador na Universidade.

Desejamos a todos (as) uma excelente leitura!

As Organizadoras

# CAPÍTULO 1

## CONDIÇÃO DOCENTE DOS PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL SOB O OLHAR DO IMAGINÁRIO SOCIAL

Adriele Machado Rodrigues (UFSM)  
Valeska Fortes de Oliveira (UFSM)

### Para início de conversa

O presente artigo origina-se da dissertação de mestrado intitulada **Significações imaginárias sobre a condição docente no ensino médio: um estudo na rede estadual do município de Alegrete-RS**, apresentada à Linha de Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Buscamos conhecer e problematizar as significações imaginárias dos professores acerca da condição docente no Ensino Médio, a partir das narrativas de professores que atuam em escolas da rede do Estado do Rio Grande do Sul do município de Alegrete-RS.

O que motivou essa investigação foi o desejo de um olhar mais atento aos professores que atuam na rede estadual do Rio Grande do Sul, considerando as situações de parcelamentos, atrasos, congelamentos dos salários, perdas salariais, paralisações e greves que esse grupo de docentes vivenciam há seis anos. Um olhar atento e sensível com a lente do imaginário e o campo do simbólico na pesquisa em educação.

Ainda que a desvalorização do professor seja uma discussão recorrente no meio acadêmico e em outros setores, acreditamos que esse assunto não deve ser esgotado. Não podemos fechar os olhos para esses sujeitos que são vítimas da desigualdade social e compõem o cenário da desvalorização da educação neste país. Pelo contrário, ainda há muito que discutir e (re)pensar sobre a docência em tempos sombrios. Pensamos que ao problematizar essas vivências propomos uma reflexão sobre as condições de trabalho que lhes são impostas.